

Carnaval Laranja

Por Leila Abe

Já vi muito carnaval na minha vida. Na maioria das vezes, apenas como observadora, maravilhada com as pessoas em transe, cores e movimentos, ritmos e cenários dessa festa.

Vi de tudo, acho. Pequenas festinhas de salão de festa de prédio, bailinhos de crianças fantasiadas num obscuro clube de alguma cidade escondida no interior do Brasil, adolescentes se apertando em bailes de clubes de bairro. Vi ainda o famoso carnaval da Ilha Porchat, Meca da playboizada de então, no litoral paulista das décadas de 70 e 80. Carnaval de rua, infelizmente nunca vi o carioca, mas já vi vários outros espalhados pelo mundo tropical e não tropical de meu Deus. Carnaval nos becos tomados pela neblina espessa e assustadora de Veneza, onde mascarados transitam em grupos, ao mesmo tempo, alegres e amedrontadores, num frio de rachar os ossos, 10 graus abaixo de zero.

Vi, encantada, o carnaval londrino em Notting Hill, além daquele em Rotterdam, cidade portuária holandesa. Ambos carnavais multiculturais, em cidades globais confrontadas com os estandartes carnavalescos dos passistas, relembrando os cidadãos de suas histórias de colonizadores, de exploração e escravidão. Dias de glória dos imigrantes, vestidos de costumes oriundos de países situados, na maioria das vezes, abaixo do Equador, prometem esquentar os gingados dos nativos espectadores ou simpatizantes; todos tentando aquecer os ossos no frio de fevereiro do Inverno Nórdico, desengonçados e felizes. Vi também o de Colônia, na Alemanha, para onde fogem os holandeses calvinistas tentando se esquecer das durezas do inverno naquela festa exuberante de bares e bebedeiras de rua.

O carnaval é um estado de espírito, venho filosofando comigo mesma ao longo dos anos... Cada um faz o seu, dentro dos limites e dos costumes de uma sociedade, mas, no fundo, quem pode sai se perdendo por aí, gritando, pulando ou simplesmente travestido num sonho qualquer. Quando der, a lei permitir e se Deus quiser.



Alguns inventam o carnaval na época em que melhor lhes convêm. É o caso de muitos holandeses, que até festa de aniversário adiam para celebrarem quando a grande maioria dos convidados pode comparecer. Povo contido... Disciplina desconhecida por nós, latinos, donos de corpos aflitos por abraços e folias, veias onde corre o sangue cheio de espontaneidade. Aí acontece o dia de libertação dos freios holandeses, a data em que os súditos comemoram o Dia do Aniversário do Rei, na primavera, o que sempre me pareceu, como brasileira, nada mais, nada menos que o nosso famoso carnaval de rua, celebrado dois meses depois...

E, com todo mundo vestido na cor laranja, que é o protocolo nacional do dia: tem de tudo, peruca, fantasia, música, bebedeira, famílias, bandas, barcos, nudez e todos os tipos de extravagâncias folionas que se possa imaginar numa sociedade de moral acomodada às novidades e diferenças. Um grande oceano cor de laranja invade o país nesse dia. Tem horário para começar, e o determinante momento, no final do dia, quando os caminhões da limpeza das ruas acabam com a festa.

Vá entender o que rege as alegrias impressas na memória de cada um nesses casos... Mas, na minha, que já imprimiu várias cores de felicidades mil nessa vida, a cor laranja sempre me lembrará carnaval e alegria, tamanha a impressão de liberdade e folia que presenciei nos últimos tempos da minha vida nas terras baixas. No mês de abril, dura um dia e somente um – já sem casacos e cachecóis, e que isso fique bem claro aqui.

